

Por uma gênese do Campo da Sociologia do esporte: cenários e perspectivas

Juliano de Souza *

Wanderley Marchi Júnior **

RESUMO: No presente artigo, procura-se apresentar e estruturar um breve panorama histórico-sociológico sobre a constituição do campo da sociologia do esporte no cenário internacional, fazendo, em seguida, algumas inferências e transposições para pensar o cenário brasileiro e, talvez, latino-americano. Para essa investida, parte-se de uma abordagem bibliográfica de cunho exploratório, de modo a resgatar alguns elementos históricos do desenvolvimento da sociologia do esporte e, além disso, elaborar um panorama geral que contemple algumas das principais matrizes teóricas e os respectivos autores que se ativeram ao estudo do fenômeno social chamado esporte moderno e, por conseguinte, contribuíram para a institucionalização desse espaço de discussão acadêmica.

Palavras-chave: Sociologia. Esportes. Pierre Bourdieu.

1 INTRODUÇÃO

Olhar para o processo de constituição histórica da sociologia do esporte pelas “lentes sociológicas” de Pierre Bourdieu possibilita ir muito além do que simplesmente demarcar o espaço que essa disciplina vem conquistando no âmbito acadêmico. De modo mais específico, a perspectiva bourdieusiana de análise dos campos científicos (BOURDIEU, 2002; BOURDIEU, 2003; BOURDIEU, 2004), potencializa perceber as lutas travadas entre pesquisadores e instituições científicas no interior desse microcosmo configurado, seja pela definição de objetos legítimos a serem estudados, seja em

Mestrando em Educação Física. Centro de Pesquisas em Esporte, Lazer e Sociedade (CEPELS). Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales del Deporte (ALESDE). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, PR, Brasil. E-mail: julianoedf@yahoo.com.br

**Doutor em Educação Física. Centro de Pesquisas em Esporte, Lazer e Sociedade (CEPELS). Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales del Deporte (ALESDE). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, PR, Brasil. E-mail: marchijr@ufpr.br

função da legitimidade acadêmica dos métodos e teorias que balizam as respectivas produções viabilizadas no interior do referido espaço.

Essas lutas aparentemente de ordem mais interna devem-se a princípios de hierarquização científica e, de certo modo, refletem a autonomia que o campo goza em relação ao macrocosmo. É lógico que o campo da sociologia do esporte também sofre influências externas, sobretudo, de dimensões políticas. Entretanto, as tensões demandadas nesse universo parecem se aproximar mais da concorrência *pura*, ou seja, daquela concorrência que costuma opor empiristas a teóricos, pesquisadores de orientação objetivista a pesquisadores de orientação subjetivista, dentre inúmeras outras polarizações.

É importante lembrar que essas tensões fomentadas no campo científico da sociologia do esporte também parecem refletir, em suas devidas proporções, o embate típico entre as disciplinas que compõem o núcleo das chamadas Ciências Sociais e, no caso específico do campo sociológico, as lutas entre sociologia contemporânea *versus* sociologia clássica, entre as áreas de especialidade sociológica e, principalmente, entre os mais distintos paradigmas e teorias que constituem epistemologicamente o referido *locus* social de produção e circulação dos bens científicos.

Outro aspecto pertinente ao tratamento das produções bibliográficas reservadas ao campo da sociologia do esporte consiste em não apreciar as mesmas pelo viés pessimista resultante do jugo de uma avaliação valorativa, desavisada e muitas vezes partidária, mas, pelo contrário, como inserções acadêmicas que contribuem para o desenvolvimento da ciência sociológica, na medida em que a produção de conhecimento potencialmente avança via confrontação de conceitos, métodos ou então através da aproximação de paradigmas e posições teóricas tidas como inconciliáveis.

Como pressuposição norteadora e diretiva do presente artigo, sustenta-se que o campo da sociologia do esporte, em seus mais diferentes estágios de desenvolvimento, parece ter absorvido algumas tensões demandadas no campo das Ciências Sociais, já que os pesquisadores ao manterem fidelidade à determinada abordagem e/ou metodologia possivelmente se colocam em posição de descrédito

para com aquelas perspectivas teórico-metodológicas que contrariam as suas, contribuindo para que se estruture um espaço de forças segundo a lógica da reprodução social dos *habitus*¹ científicos.

Deste modo, nas linhas que se seguem, procura-se apresentar e estruturar um breve panorama histórico-sociológico sobre a constituição do campo da sociologia do esporte no cenário internacional, fazendo, em seguida, algumas inferências e transposições para pensar o cenário brasileiro e, talvez, latino-americano. Para essa investida, parte-se de uma abordagem bibliográfica de cunho exploratório, de modo a resgatar alguns elementos históricos do desenvolvimento da sociologia do esporte e, além disso, elaborar um panorama geral que contemple algumas das principais matrizes teóricas e respectivos autores que se ativeram ao estudo do fenômeno social chamado esporte moderno e, por conseguinte, contribuíram para a institucionalização desse espaço de discussão acadêmica.

2 CENÁRIOS E PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO DO CAMPO DA SOCIOLOGIA DO ESPORTE

Na transição do século XVIII para o XIX, são publicados alguns trabalhos pioneiros contemplando o desenvolvimento das práticas esportivas na Grã-Bretanha. Esses trabalhos, por sua vez, não foram realizados em instituições acadêmicas, o que, no entanto, não impediu que os mesmos se tornassem importantes fontes de pesquisas para os estudiosos do esporte do século XX. (DUNNING, 2004).

Dentre esses trabalhos precursores, destacam-se o de Peter Beckford sobre caça a raposa, em 1796, o de Pierce Egan sobre pugilato, em 1812, e, aproximadamente 70 anos mais tarde, os trabalhos de Montagu Shearman sobre a história e desenvolvimento do futebol, rúgbi e atletismo, publicados em 1887 e 1889. (DUNNING, 2004).

¹*Habitus* é uma antiga noção escolástica que foi recuperada pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu com o intuito de fundamentar sua teoria da prática, na qual o autor, brevemente falando, procura-se esquivar de uma filosofia do sujeito sem, contudo, sacrificar o agente e de uma filosofia da estrutura sem negar que essa exerça impacto sobre o agente e através dele. Assim, o *habitus*, na condição de estrutura estruturada predisposta a funcionar como estrutura estruturante, complementa o movimento de interiorização da exterioridade e exteriorização da interioridade, numa dinâmica que procura superar a falsa dicotomia reprodução *versus* transformação.

Não obstante, tal panorama começa a se tornar um pouco mais sugestivo na transição do século XIX para o XX, quando alguns autores clássicos das Ciências Sociais passam a reservar um espaço mais específico para discutir o fenômeno esportivo em suas obras. Thorstein Veblen em *A teoria da classe ociosa* de 1899, por exemplo, menciona o esporte como uma das atividades aptas a distinguir uma classe pecuniariamente favorecida, que não precisava dispensar tempo com atividades desgastantes de trabalho. (VEBLEN, 1965).

Em 1902, Marcel Mauss recupera a noção de técnicas corporais para se referir às maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, sabem servir-se de seus corpos. Dentre as técnicas enumeradas por Mauss, encontram-se aquelas denominadas atividades de movimento, a saber, corrida, nado, escalada, saltos, movimentos de força, dança (MAUSS, 2003). Já Max Weber, em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, de 1904, problematiza a oposição do puritanismo inglês em relação às atividades de cunho esportivo-recreativo presentes naquela sociedade. (WEBER, 2004).

É oportuno notar que as iniciativas desses autores mencionados ainda não são estruturalmente representativas para caracterizar a formação de um campo institucionalizado da sociologia do esporte – até porque, nesse período, a própria Sociologia se encontrava em um incipiente processo de institucionalização como disciplina acadêmica. O que, no entanto, pode-se admitir é que as referidas contribuições talvez conformem e definam o estágio pré-histórico de um campo que começaria a se estruturar mais sistematicamente a partir dos anos 1960.

Na continuidade de construção deste cenário, destacam-se, em 1921, os escritos de Heinz Hisse, que desenvolveu, sob a orientação de Alfred Weber, o primeiro estudo sociológico mais abrangente sobre a temática do esporte. (DUNNING, 2004; PILZ, 1999). Nesse trabalho, Hisse procurou impreterivelmente analisar o esporte competitivo pelo viés de uma crítica ao modelo de sociedade industrial vigente. (MARCHI JÚNIOR; CAVICHIOLLI, 2008).

Outro autor que construiu um arcabouço teórico que possibilita pensar o esporte de forma mais geral é Johan Huizinga. Em seu

clássico *Homo ludens*, de 1938, Huizinga aborda o jogo como um componente indissociável da cultura que, sucessivamente, deve ser percebido numa perspectiva de interação entre divertimento e seriedade (HUIZINGA, 1995). No que se refere às questões propriamente esportivas, Huizinga afirma que o equilíbrio entre o prazer e a seriedade foi fortemente abalado na dinâmica de organização do desporto moderno.²

Nos anos 1940, por sua vez, ganham visibilidade as contribuições da chamada primeira geração da Escola de Frankfurt, especialmente em sua vertente divulgada nos escritos de Adorno e Horkheimer. No texto de 1947, intitulado *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*, esses autores procuraram discutir as atividades de lazer e, de certo modo, o esporte sob o ângulo crítico do que viria a ser chamado por eles de “indústria cultural”. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

No entanto, após o estudo de Hisse, em 1921, das incursões preliminares de Huizinga e da primeira geração da Escola de Frankfurt nas décadas seguintes, apenas em 1955 é que o esporte seria novamente tratado de uma forma mais notável. Trata-se do trabalho de Gregory P. Stone que, além de se debruçar sobre a manifestação do jogo em sua forma esportiva, avança rumo a uma definição preliminar de esporte-espetáculo e problematiza as implicações deste sob o caráter do jogo esportivo, no sentido de torná-lo mais previsível e, sucessivamente, menos espontâneo. (DUNNING, 1992).

Anos mais tarde, em 1961, são apresentados dois trabalhos bastante sugestivos, e com efeitos aparentemente opostos, para o modesto campo da sociologia do esporte que estava por se estruturar. Anthony Giddens defendeu sua dissertação de Mestrado na *London School of Economics*, abordando tópicos relacionados ao esporte na sociedade inglesa contemporânea (GIDDENS, 1961). Eric Dunning, sob a orientação de um até então desconhecido sociólogo alemão chamado Norbert Elias, defendeu, na Universidade de Leicester, sua dissertação de Mestrado sobre o desenvolvimento do futebol, tendo como referencial de análise a teoria do processo de civilização e a abordagem configuracional formulada por seu orientador (DUNNING, 1961).

² Para uma abordagem crítica ao trabalho de Huizinga desenvolvido sobre a relação jogo, esporte e cultura ver: DUNNING, p. 299-325, 1992.

Interessante notar que após sua dissertação de Mestrado, Giddens nunca mais retornou ao estudo do esporte, preferindo, pelo contrário, continuar sua trajetória acadêmica em temas mais convencionais e que, possivelmente, trouxeram-lhe o prestígio que detém hoje no campo da Sociologia. Já Dunning tem uma história de quase 50 anos de préstimos ao campo da sociologia do esporte e, talvez, por escolher um objeto considerado de *estrato inferior* é que goza de um reconhecimento academicamente menor quando comparado com sociólogos que preferiram tratar de assuntos tidos, ao menos no âmbito da Sociologia, como mais relevantes.

Além dessas contribuições mencionadas, e ainda no andar dos anos 1960, tem-se como marco importante a fundação do Comitê Internacional de Sociologia do Esporte (ICSS e atual ISSA desde 1998) em 1965, na cidade de Varsóvia, na Polônia. A fundação dessa entidade deve-se, sobretudo, aos esforços de estudiosos tanto da área de Educação Física quanto da Sociologia (DUNNING, 2008). Dentre as realizações desta instituição, destacam-se, com mais notoriedade, a editoração da Revista Internacional de Sociologia do Esporte (IRSS) que passou a ser publicada periodicamente desde 1965, assim como a organização de simpósios internacionais, sendo o primeiro deles realizado em 1966, na cidade de Colônia, na Alemanha. (DUNNING, 2004).

Nesse período de transição para o início dos anos 1970, são também publicados alguns dos primeiros textos de caráter mais didático-pedagógico em sociologia do esporte, nos quais os autores procuraram fornecer uma visão mais geral e sistemática do desenvolvimento da área até então. De acordo com Dunning, exemplos claros dessa iniciativa podem ser contemplados no trabalho *Sport, culture and society*, de John W. Loy e Gerard S. Kenyon, em 1969, nos Estados Unidos, seguido de perto de seu livro *The sociology of sport: a selection of readings*, publicado na Inglaterra, em 1971. (DUNNING, 2004).

Acresça-se a esses projetos o trabalho de orientação marxista de Bero Rigauer *Sport und arbeit*, de 1969, o estudo de Harry Edwards *The sociology of sport*, de 1973, e, com maior notoriedade, o livro *Sport in society: issues and controversies*, publicado por

Jay Coakley em, 1978³, e que, segundo Dunning, permanece até hoje justificadamente como o *best-seller* da área (DUNNING, 2004).

Ainda em 1978, tem-se a produção de alguns textos em que os autores se propuseram a sistematizar um modelo de análise sociológica do esporte. É o caso do livro de Allen Guttman (1978) intitulado *From ritual to record: the nature of modern sports*, no qual o autor, seguindo a matriz weberiana dos tipos ideais, procura aprimorar um esquema analítico apto a diferenciar o esporte moderno das antigas práticas esportivas; do artigo *Sport and social class*, de Pierre Bourdieu (1978), que, com esse texto, inaugura e estende os pressupostos de sua teoria dos campos para substanciar a análise dos consumos e das práticas esportivas; e do livro de viés marxista *Sport: a prison of measured time* publicado na Inglaterra por Jean-Marie Brohm (1978) como resultado das pesquisas e dos artigos que esse autor já vinha desenvolvendo em momentos anteriores de sua obra.

Tal panorama inicial percorrido de uma forma um tanto quanto apressada parece, contudo, bastante razoável para se tecer algumas considerações sobre o campo da sociologia do esporte que, entre os anos 1960 e 1980, se a linha de raciocínio delimitada estiver correta, institucionalizou-se criteriosamente como um lugar legítimo para o investimento acadêmico-científico.

Um dos primeiros aspectos a ser lembrado, nesse sentido, trata-se do caráter de desenvolvimento do campo em termos mais regionalizados e atendendo, sobretudo, às demandas da língua inglesa. De acordo com Dunning, o campo da sociologia do esporte experimentou um considerável crescimento a partir dos anos 1960, sobretudo nos Estados Unidos, no Canadá e na própria Inglaterra, onde essa área já era um pouco mais privilegiada. Entretanto, a Alemanha Ocidental e a França também foram decisivas nesse processo, devendo ser ponderado o papel dos estudiosos desses países para potencial emergência do referido campo (DUNNING, 1992; DUNNING, 1999).

³ Para um embasamento mais aprofundado, ver: COAKLEY, 2009.

Outro ponto se refere à pluralidade de abordagens teórico-metodológicas passíveis de serem identificadas no período de 1960 a 1980 no campo da sociologia do esporte. Para ter-se uma ideia mais precisa dessa diversidade, basta olhar para as inúmeras frentes de apreciação que partem do funcionalismo, marxismo, estruturalismo, interacionismo, etnometodologia, teorias feministas, abordagem figuracional etc. (DUNNING, 2004).

Por sua vez, tais paradigmas, ao serem interiorizados pelos agentes sob a forma de *habitus* científicos e exteriorizados no campo como práticas científicas mais ou menos consagradas, ajudaram a definir algumas das polarizações/tensões que atualmente se visualizam com mais frequência neste espaço e, de uma forma mais ampla, no âmbito das Ciências Humanas e Sociais: materialismo *versus* idealismo, agente *versus* estrutura, síntese *versus* análise, objetivismo *versus* subjetivismo, estática social *versus* dinâmica social, estudos sincrônicos *versus* estudos diacrônicos, abordagens histórico-comparativas *versus* abordagens estatísticas.

Essa última dicotomia pode ser ilustrada, por exemplo, no embate entre, de um lado, Loy e Kenyon sustentando as análises estatísticas da escola empirista norte-americana e, de outro, Elias e Dunning (Pierre Bourdieu e Peter McIntosh oferecem possibilidades parecidas) defendendo interpretações que atribuem uma maior importância às contingências históricas e que, dessa forma, possibilitam abordar a relação entre esporte e sociedade de forma comparativa e como partes de um mesmo processo. O meio termo entre essas duas vertentes, para fins de esclarecimento, seria a perspectiva interacionista-simbólica de Stone (DUNNING, 2004).

No decorrer das décadas de 1980 e 1990, a sociologia do esporte começa a se desenvolver de uma forma mais ampla se inserindo, inclusive, em novos contextos do cenário mundial. O que, no entanto, percebe-se neste processo é que os pesquisadores, muito mais que proporem outros modelos analíticos para estudar o esporte, buscaram dar continuidade aos legados teóricos que balizaram o campo das Ciências Sociais em termos de produção de conhecimento durante os séculos XIX e XX.

Um parâmetro avaliativo destas possíveis inserções da sociologia do esporte, assim como do caráter da reprodução teórica no campo em que ela própria constitui, pode ser elaborado na medida em que se estabelece num empreendimento similar ao de Dunning no artigo *Sociology of Sport in the balance*, uma possibilidade de comparação entre o *Handbook of social science of Sport*, editado por Günther Lüschen e George H. Sage, em 1981⁴, e o *Handbook of Sport and society*, publicado pelos sociólogos Jay Coakley e Eric Dunning, em 2000.

De acordo com Dunning (2004), a primeira coletânea compilou contribuições de um número relativamente pequeno de países – 06, apenas – enquanto sua coletânea e de Coakley ampliou esse número para 13 países. Na primeira coletânea, foram publicados 24 artigos, sendo que 16 desses eram de autores norte-americanos. Na coletânea de Coakley e Dunning, a quantidade de artigos publicados aumentou para o número de 49, sendo 14 contribuições de autores norte-americanos e 15 de pesquisadores do Reino Unido.

Deste modo, o *Handbook of social science of sport*, de 1981, caracteriza-se como uma obra predominantemente composta por trabalhos de pesquisadores dos Estados Unidos e os artigos publicados refletem o paradigma estrutural-funcionalista norteador do campo da Sociologia norte-americana naquele contexto. Já o *Handbook of sport and society* organizado no ano 2000, embora conte com 29 publicações divididas entre Estados Unidos e Reino Unido, já aponta para um ecletismo maior em termos dos países representados na composição dos textos da coletânea. Além do mais, os textos do *Handbook of Sport and Society* contemplam vários paradigmas das Ciências Sociais e, em sua regularidade, não apresentam descrições empíricas destituídas de reflexões teóricas.⁵

Outro dado que chama bastante atenção nessas duas coletâneas é a ausência de trabalhos de pesquisadores da América Latina como referências em sociologia do esporte em termos internacionais. Diante desse quadro ligeiramente evocado, uma questão de

⁴ Para um maior detalhamento em: LÜSCHEN; SAGE, 1981.

maior urgência incorre: Será que a sociologia do esporte é uma área de investigação que tem sido negligenciada na América Latina ou então os trabalhos sociológicos do esporte desenvolvidos nesse continente é que não são levados em conta pelos agentes e instituições em condição de definirem e imporem uma visão do que seria primeiramente Sociologia e, em seguida, sociologia do esporte?

Na tentativa de fomentar uma reflexão mais sólida sobre essa questão, sentiu-se a necessidade de recorrer a uma realidade mais palpável e concreta. Sendo assim, optou-se por se concentrar, nesse artigo, em alguns aspectos cruciais do desenvolvimento da sociologia do esporte no Brasil. Essa opção se justifica pelo fato de ser uma realidade mais próxima e palpável, além do esporte no Brasil assumir uma conotação social peculiar, diversificada, e que, por sua vez, não é exterior e alheia ao processo de desenvolvimento da sociologia das práticas esportivas no país.

Uma consideração a ser introduzida de imediato é que o campo da sociologia do esporte no Brasil dá alguns passos importantes rumo a um caminho de consolidação neste início de século XXI. E isso não por uma simples eventualidade do estágio da discussão científica atual, mas graças a alguns primeiros esforços e movimentos engendrados, sob determinadas circunstâncias e contingências históricas, no campo das Ciências Sociais e no campo acadêmico da Educação Física.

Mais precisamente, o argumento central que se defende é que o desenvolvimento da sociologia do esporte no Brasil se deu a partir de alguns fios condutores, que se ramificam essencialmente em três possibilidades: (1) via sociologia do futebol ou, dito de outro modo, estudos socioantropológicos do futebol; (2) via teoria crítica do esporte, preconizada por autores da Educação Física a partir de 1980; (3) via história das práticas esportivas.

O primeiro fio condutor possível de identificar se estabelece na relação aparentemente conflituosa viabilizada entre sociologia do esporte e sociologia do futebol, na medida em que o desenvolvimento da primeira área parece ter sido fomentado, ao menos no Brasil, em

⁵ Para um embasamento mais atualizado, ver COAKLEY, J; DUNNING, 2002.

função do desenvolvimento da segunda. Um dimensionamento melhor do que está sendo proposto poderia ser dado se, por exemplo, resolvesse-se mapear o estado da arte dos estudos que a partir do século XX foram produzidos no âmbito das Ciências Sociais que sugeriram alguns caminhos significativos para a implementação de uma sociologia do futebol no país.

Vale lembrar, nesse sentido, que o sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, já a partir do final da década de 1920, tivera a sensibilidade de perceber o futebol como um objeto passível de ser problematizado sociologicamente (SOARES, 2003). Outra contribuição para a sociologia do futebol foi contabilizada pelo jornalista Mário Filho, que em 1947 publica a primeira edição do livro *O negro no futebol brasileiro*, o qual foi prefaciado pelo próprio Gilberto Freyre (FILHO, 2003).

É oportuno notar que, embora Mário Filho não tivesse vínculos com a academia e muito menos com a Sociologia, seu livro foi exaustivamente reproduzido no âmbito das Ciências Sociais e utilizado como uma referência para pensar alguns problemas relativos à inserção do negro e das camadas mais pobres da população no universo sociocultural do futebol (SOARES, 2003).

Um exemplo mais incisivo da recorrência ao futebol como escopo das análises sociológicas no Brasil pode ser vislumbrado ainda na obra do antropólogo Roberto Da Matta, sobretudo nas que foram publicadas a partir do final dos anos 1970 e início dos anos 1980 (DAMATTA, 1979; DAMATTA, 1982a; DAMATTA, 1982b). Já como ilustração mais recente, tem-se o trabalho de Murad (2007), Helal (1997), Helal, Soares, Lovisollo (2001), Rodrigues (2003; 2007) e Toledo (2002).

Esse último autor, cuja formação também é em Antropologia, chama atenção por apresentar em determinado momento de sua obra, “Lógicas no futebol”, uma revisão de literatura (1982-2002) sobre o que ele entende ser a incursão das Ciências Sociais no terreno empírico que constitui o fenômeno esportivo, deixando claro que, para o autor, o esporte se apresenta como um drama encarnado na dimensão simbólica do futebol (TOLEDO, 2002).

Obviamente, esses são apenas alguns dos estudos sobre futebol que têm sido produzidos no âmbito das Ciências Sociais no Brasil ao longo do século XX e início do século XXI, sem falar, ainda, das iniciativas muito próximas que vêm sendo viabilizadas no campo das pesquisas socioculturais em Educação Física, no campo da História, da Geografia etc. Quanto à área de Educação Física, é importante mencionar os trabalhos de Soares (1994; 1998), Kowalski (2001), Daolio (2005), Reis (2006) Reis, Escher (2006), dentre inúmeras outras contribuições resultantes de dissertações, teses, participações em eventos, publicações em periódicos e elaboração de livros.

Entretanto, e independentemente das áreas originais a que se vinculam esses estudos supracitados, uma consequência mais nítida pode ser percebida de forma geral em suas estruturas teórico-metodológicas e escopo: ambos convergem no sentido de fornecer uma interpretação da sociedade brasileira a partir do futebol, o que reforça o argumento de que tais iniciativas contribuíram, em primeira instância, com a emergência de um campo da sociologia do futebol e, em seguida, da sociologia do esporte.

Um segundo fio condutor que, de certa maneira, sustentou o desenvolvimento da sociologia do esporte no Brasil, começa a se edificar de uma forma mais incisiva a partir dos anos 1980, juntamente com a ascensão do chamado movimento crítico da Educação Física, cujos protagonistas procuraram repensar a atuação profissional e a produção de conhecimento na área para além da perspectiva anatômico-motora.

Para tal investida, esses pesquisadores buscaram aportes teórico-metodológicos na obra de autores consagrados nas Ciências Humanas e Sociais, o que lhes permitiu problematizar com mais propriedade e consistência algumas questões pertinentes à prática da Educação Física na escola, aos padrões de estética disseminados na sociedade, as manifestações sociais do esporte e uma infinidade de outros temas.

Com relação à temática do esporte, ou melhor, à percepção do esporte como uma prática social repleta de significados e carregada de ideologias, vários pesquisadores da Educação Física no Brasil

foram consideravelmente críticos e incisivos em suas argumentações, sobretudo aqueles que se pautaram nas correntes marxistas tão em voga no contexto da retomada crítica no referido campo de atuação prática e acadêmica nos anos 1980 no país. Alguns trabalhos orientados na direção marxista devem ser lembrados, nesse sentido, como, o de Medina (1983), Taffarel (1985), Castellani Filho (1988), Bracht (1992), Soares (1992).

Cabe aqui assinalar que tais pesquisadores procuraram denunciar, dentre outras inquietações suscitadas em suas obras, o papel das práticas esportivas como uma ferramenta de reprodução dos valores da sociedade burguesa. De forma mais específica, esses autores, com reflexões tão importantes na construção historiográfica do pensamento da Educação Física brasileira, foram talvez os primeiros a encarar o esporte numa dimensão mais alargada e, ao mesmo tempo, com um viés crítico.

No entanto, o papel dessas pesquisas no desenvolvimento da sociologia do esporte no Brasil parece ter um valor auxiliar, ao passo que as mesmas constituem um *corpus* teórico-conceitual que enfatiza as questões negativas, reprodutivistas e ideológicas do esporte no âmbito da Educação Física escolar, cumprindo os objetivos propostos pelos referidos autores em seus textos, mas deixando uma lacuna de discussão a ser problematizada no universo esportivo de uma maneira mais específica e aprofundada.

Dentre outras investidas, essa lacuna foi retomada no Brasil por Valter Bracht, em 1997, quando o autor apresenta a primeira edição de seu livro *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. Nessa obra, Bracht afirma que a relação existente entre o esporte e o estado depende da forma como a sociedade civil se articula com este último. Nesse sentido, o esporte pode se apresentar, segundo o autor, como canal de reprodução da força de trabalho; como um elemento de enorme potencial de instrumentalização política a ser utilizado pelo estado, ou ainda, como exercendo uma espécie de efeito de estabilização e atenuando as tensões sociais (BRACHT, 2005).

Um terceiro, e talvez decisivo, fio condutor da sociologia do esporte no Brasil foi constituído, como já foi mencionado anterior-

mente, via história do esporte. Essa tendência de desenvolvimento da sociologia propriamente esportiva começa a se tornar mais perceptível a partir de 1990 e, dentre outras retomadas e circunstâncias, graças aos esforços do historiador e professor de Educação Física Ademir Gebara, o qual desempenhou um papel fundamental na criação dos Encontros Nacionais de História do Esporte, Lazer e Educação Física, sendo o primeiro deles realizado em 1993, na Universidade Estadual de Campinas.

Como pontos vitais desses encontros, destacam-se as duas visitas do sociólogo inglês Eric Dunning ao Brasil e, principalmente, o fomento de uma preliminar discussão do esporte a partir de uma perspectiva histórico-sociológica embasada nas obras de Elias e Bourdieu, recém traduzidos no país naquele período e talvez os principais sociólogos de renome a dedicarem um espaço consideravelmente significativo para discussão do fenômeno esportivo em suas obras (GEBARA, 2006).

Além disso, foi sob a orientação de Ademir Gebara que se produziram alguns dos estudos mais consistentes em sociologia do esporte no Brasil e que começariam a marcar na transição do século XX para o XXI, um momento de maior representatividade para este campo no país. Dentre esses estudos, dois merecem maior atenção por apresentarem uma devida maturidade na leitura dos textos de Norbert Elias e Pierre Bourdieu: a tese de doutorado do economista Marcelo Weishaupt Proni, sobre a estruturação e transformação do futebol em esporte-espetáculo conduzido pelas leis mercantis (PRONI, 1998) e a tese de doutorado do professor Wanderley Marchi Júnior sobre as mudanças operadas no voleibol brasileiro durante as décadas de 1970, 1980 e 1990 no sentido de transição do amadorismo para o profissionalismo e a ressignificação desse esporte como um espetáculo esportivo (MARCHI JÚNIOR, 2001).

Dadas essas vias de desenvolvimento da sociologia do esporte no Brasil, que obviamente não são as únicas existentes, cabe ressaltar, entretanto, que somente neste início de século XXI é que a mesma começa a ser reconhecida no cenário internacional e em função dos bons estudos empíricos teoricamente direcionados que têm sido

produzidos a partir da sociologia configuracional de Elias e da sociologia reflexiva de Bourdieu.

Cabe aqui lembrar o considerável papel do Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade (CEPELS) do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná na consolidação dessas perspectivas sociológicas como referências para leitura do esporte e do lazer no Brasil. Inclusive, o referido grupo liderado pelo professor Wanderley Marchi Júnior trabalha diretamente interligado com a *Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales Del Deporte* (ALESDE), recentemente formalizada em 2008 que tem o próprio Marchi Júnior como vice-presidente.

A propósito, no final de outubro de 2008, foi realizado na Universidade Federal do Paraná, em Curitiba, no Brasil, o primeiro encontro da *Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales del Deporte*. Nessa primeira edição do evento, participaram como conferencistas o presidente da Associação Internacional de Sociologia do Esporte (ISSA), o professor Steve Jackson da Universidade de Otago, na Nova Zelândia; o vice-presidente da Associação Europeia de Sociologia do Esporte (EASS), o professor Jerzy Kosiewicz da Universidade de Varsóvia, na Polônia e o sociólogo do esporte Jay Coakley da Universidade de Colorado, nos Estados Unidos (MARCHI JÚNIOR; SONODA NUNES; ALMEIDA, 2008).

No entanto, a importância do evento não se restringiu unicamente à presença desses pesquisadores de renome internacional mas, pelo contrário, foi estabelecida uma vez, que essa oportunidade formalizou, ou melhor, institucionalizou, a inserção da América Latina no cenário global da discussão fomentada em torno da sociologia do esporte. No caso específico do Brasil, o referido evento afirmou a Universidade Federal do Paraná como um dos principais centros de desenvolvimento da sociologia do esporte no país, com projeções de que a referida instituição futuramente se junte aos reconhecidos centros mundiais de desenvolvimento em sociologia do esporte.

Quanto às causas que explicam a tardia inserção do Brasil, ou melhor, da América Latina, nesse quadro internacional de pesquisa e

estudos em sociologia do esporte, sugere-se que uma discussão mais densa seja viabilizada levando em conta, além das questões propriamente científicas, fatores de desenvolvimento cultural, político e econômico. Outra medida interessante consiste em abordar esse panorama numa perspectiva macroprocessual, o que, por conseguinte, não significa desconsiderar as particularidades do desenvolvimento da sociologia do esporte em cada uma das realidades constituintes e reguladoras da vida social nos mais variados países latino-americanos.

3 CONSIDERAÇÕES PARA O FECHAMENTO

O resgate histórico da produção de conhecimento no campo da sociologia do esporte, tal como retomado neste artigo, tem uma dupla finalidade. Uma primeira mais diretamente relacionada à importância de se conhecer algumas produções científicas que retomaram o esporte a partir do crivo sociológico, de modo que se possa, em seguida, estruturar um instrumento de neutralização e amenização dos possíveis efeitos teóricos que são exercidos por essas pesquisas. Uma segunda direcionada ao entendimento mais generalista dos objetivos e das relações sociais de cumplicidade estabelecidas entre o desenvolvimento estrutural do esporte na sociedade e o interesse dos pesquisadores em se apropriarem do mesmo como objeto empírico e/ou instrumento para suas reflexões teóricas.

Na esteira dessa primeira perspectiva, procurou-se elucidar, a partir da elaboração de um quadro teórico bem delimitado, o quão importante seria desenvolver um exercício de reflexividade que Bourdieu (1989) chamou de “teoria do efeito da teoria”. Para o autor, “[...] a ciência social deve englobar na teoria do mundo social uma teoria do efeito da teoria, que ao contribuir para impor uma maneira mais ou menos autorizada de ver o mundo social contribui para fazer a realidade desse mundo” (BOURDIEU, 1998, p. 82).

Dito de outro modo, conhecer os antecedentes históricos, ao menos em linhas gerais, da produção sociológica e epistemológica reservada ao campo das práticas esportivas – o que, dentro de certos limites, tentou-se rapidamente fazer nas páginas anteriores – é

condição primeira para ser possível entender, sob diferentes ângulos, os próprios problemas que são colocados sobre este espaço, já que as disposições acadêmicas legitimadas pelo corpo de especialistas que se debruçam sobre o esporte, muitas vezes, condicionam os pesquisadores a terem um olhar mais ou menos *treinado* a respeito das tensões demandadas no próprio campo esportivo.

A propósito, é para romper exatamente com essa persuasão imposta pelos universos de produção dos bens científicos que Bourdieu advoga em favor de que os sociólogos façam uma história social dos problemas, dos objetos de pesquisa e dos instrumentos de pensamento, de modo que se instaure um movimento de ruptura com o *pré-construído doudo* ou, em termos mais polidos, com o *bom senso científico*.

Nesse sentido, a urgência de se elencar e, além disso, sistematizar algumas das principais tensões geradas no referido campo, especialmente entre aqueles agentes e instituições que contribuíram para a emergência desse espaço, faz-se imprescindível para que se possa avançar rumo a uma sociologia reflexiva do esporte. E isso exatamente porque uma sociologia reflexiva do esporte prescreve a elaboração de um quadro analítico que permita compreender, para além das transposições de conceitos e esquemas de análise, a produção do conhecimento gerado sobre, entre e nesse espaço.

Uma segunda perspectiva de discussão que pode ser encaminhada com base nesse panorama geral aqui apresentado sobre a constituição de um campo de especialistas em torno da sociologia do esporte, estabelece-se na medida em que se considera que o interesse dos mesmos pela temática não está isolado do processo de significância, relevância e questionamentos que o esporte tem suscitado, de forma prática, no interior dos mais distintos campos sociais.

Essa leitura conduz ao entendimento de que o progressivo interesse que a temática do esporte tem despertado tanto nos pesquisadores vinculados ao campo acadêmico da Educação Física quanto da Sociologia, dentre outros fatores, talvez se explique em função das dúvidas, dimensões e proporções globais que esse fenômeno tem tomado no decurso histórico e estrutural de desenvolvimento da

sociedade. Dito de outra forma, o fato do esporte ter se legitimado e ainda estar se manifestando processualmente como uma das cenas sociais mais importantes, emotivas e questionáveis do cotidiano, talvez reserve alguma relação com a circulação social de pesquisas históricas, sociológicas, antropológicas e econômicas produzidas sobre o mesmo.

É importante ressaltar que o esporte, enquanto objeto de estudo no campo da Sociologia, ao contrário do que muitos pensam, obteve seu tratamento e teve seu devido lugar. Além disso, o fato de alguns sociólogos do século XIX e início do século XX não terem dado tanta importância às práticas de caráter esportivo em suas análises, talvez se explique em função das mesmas ainda estarem em um incipiente processo de desenvolvimento e afirmação nas teias de interdependência e interrelações sociais. Em outras palavras, seria injusto condenar esses sociólogos por terem tratado de forma secundária um fenômeno que ainda não tinha se manifestado enquanto tal na sociedade em que estavam inseridos.

Já no campo acadêmico da Educação Física no Brasil, o esporte tem sido abordado por vários vieses e matrizes teóricas, as quais, por sua vez, representam o alcance que determinadas produções de autores importantes do campo da Sociologia, da Antropologia, da História, da Economia têm obtido no interior do referido campo de produção e circulação dos bens científicos sobre as práticas esportivas e corporais. Cabe a ressalva, ainda, de que essa interface é feita por via da aproximação dos pesquisadores e autores da Educação Física junto às Ciências Humanas e Sociais.

Com relação à área de Educação Física, o esporte ainda reserva a particularidade de ter sido uma das vias políticas e culturais mais decisivas no sentido de corroborar com a constituição identitária e funcional da disciplina. Sem dúvida, o esporte, tal como retomado na sociedade brasileira, trata-se de uma das manifestações corporais que está histórica e predominantemente vinculada à produção científica e à atuação prática no campo da Educação Física no Brasil.

Nesse âmbito das produções científicas engendradas no cam-

po acadêmico da Educação Física brasileira, algumas abordagens sobre o esporte têm obtido predominância. Uma primeira tradição identificada prioriza mais o enfoque técnico, motor e biológico do esporte. Uma segunda, por sua vez, tende a combater o esporte de rendimento e performance, sobretudo quando o mesmo se vincula às aulas de Educação Física nas escolas. O argumento defendido, em síntese, é que deveria haver um deslocamento no sentido de compreensão e formatação de um esporte específico para escola.

Há ainda outra frente de apreciação mais recente que busca compreender as dinâmicas socioculturais relativas ao esporte na forma como as mesmas, de fato, apresentam-se na sociedade e não, simplesmente, como se gostaria que elas se apresentassem. A conclusão dessa vertente é de que apenas a desconstrução do esporte (mercantilizado, espetacularizado e televisionado) não possibilita desconstruir o sistema no qual os favorecidos são cada vez mais favorecidos e os desfavorecidos cada vez mais desfavorecidos. Não obstante, compartilha-se com o pressuposto de readequação da abordagem competitiva do esporte escolar sem, contudo, desconstruir o mesmo a ponto de que não possa mais nem ser chamado de esporte.

Como síntese, acredita-se que a eficácia social da sociologia do esporte na retomada da Educação Física, para emprestar os termos do professor Mauro Betti (2006), estabelece vínculos tanto em nível de pesquisa quanto em atuação prática propriamente dita. Cabe a ressalva de que essa afirmação não implica compactuar com as típicas oposições que se perpetuaram na área da Educação Física (teoria e prática, corpo e mente etc.), até porque uma sociologia do esporte tal como aqui é defendida se preocupa em demonstrar que tanto a teoria do conhecimento social quanto a teoria do mundo social são partes de um mesmo processo do fazer sociológico.

Deste modo, do lado do campo de produção científica, entende-se que um dos papéis da Sociologia contemporânea do esporte na retomada da Educação Física no Brasil se estabelece no sentido de que a mesma representa um avanço crucial ao possibilitar o entendimento de que o estudo do esporte apenas pelo esporte, isto é, enquanto

um fim em si mesmo, trata-se de uma postura um tanto quanto substancial, reducionista e que não faz avançar o conhecimento nem sobre o universo dos esportes nem, muito menos, sobre a sociedade em que as práticas esportivas estão inseridas.

Já do lado de aplicação propriamente prática, é importante reiterar que a mesma também perpassa questões relativas aos campos de produção científica, já que a autonomia intelectual, um dos principais instrumentos de leitura da realidade social com suas opressões ora mais veladas, ora mais explícitas, desenvolve-se mediante ao treinamento sociológico rigoroso, reflexivo e sistemático do pesquisador. Como bem adverte Bourdieu:

Já do lado de aplicação propriamente prática, é importante reiterar que a mesma também perpassa questões relativas aos campos de produção científica, já que a autonomia intelectual, um dos principais instrumentos de leitura da realidade social, com suas opressões ora mais veladas ora mais explícitas, desenvolve-se mediante ao treinamento sociológico rigoroso, reflexivo e sistemático do pesquisador. Como bem adverte Bourdieu:

Levar à consciência os mecanismos que tornam a vida dolorosa, inviável até, não é neutralizá-los; explicar as contradições não é resolvê-las. Mas, por mais cético que se possa ser sobre a eficácia social da mensagem sociológica, não se pode anular o efeito que ela pode exercer ao permitir aos que sofrem que descubram a possibilidade de atribuir seu sofrimento a causas sociais e assim se sentirem desculpados; e fazendo reconhecer amplamente a origem social, coletivamente oculta, da infelicidade sob todas as suas formas, inclusive as mais íntimas e as mais secretas.

Esta contratação, apesar das aparências, não tem nada de desesperador. O que o mundo social fez, o mundo social pode, armado deste saber, desfazer. (BOURDIEU, 1997, p. 735).

De fato, pensar que a Sociologia possa remediar os problemas e mazelas sociais ou então que a sociologia do esporte possa resolver as demandas da Educação Física no Brasil, parece ser um enten-

dimento ingênuo das relações que entrecruzam a produção de conhecimento e a transformação da sociedade. Não obstante, a Sociologia e a própria sociologia do esporte têm seu devido papel e significância social, qual seja, o de possibilitar aos agentes o desenvolvimento de uma autonomia intelectual a ponto de compreenderem os lugares sociais em que se inserem, bem como denunciar aos que sofrem e que não têm as condições de acesso para desenvolver sua autonomia, no mínimo, saberem que os responsáveis pelos seus sofrimentos talvez não sejam eles mesmos.

Em suma e em conformidade com a análise sociológica reflexiva bourdieusiana, para que seja possível mudar e refazer o mundo social, é primeiramente necessário mudar as formas de ver o mundo social. De certo modo, esse panorama da sociologia do esporte que aqui foi remontado, mas não esgotado, aponta para essa perspectiva, já que antes de entender o esporte é preciso saber quem já se propôs a entendê-lo e, num nível de compreensão mais profunda, justificar o porquê de tal empreendimento dos autores.

Por conseguinte, esse grau de entendimento talvez não possibilite interferir diretamente nas relações materializadas e exteriorizadas no campo esportivo e na sociedade mais ampla. Muito menos esse é o objetivo das apreensões reflexivas sobre a produção de conhecimento. Além disso, a realidade social sobre a qual o pesquisador se debruça é dinâmica e não pode ser devidamente entendida mediante um ato teórico inaugural.

Em contrapartida, essa mesma realidade empírica que não é estática, reserva como propriedade geral o fato de estar carregada de prenoções do senso-comum e do senso-acadêmico. Eis a função de uma sociologia reflexiva da produção de conhecimento nos campos científicos: possibilitar aos pesquisadores que controlem os efeitos dos *pré-construídos doutos* na construção e no recorte de um objeto de pesquisa, de modo que a realidade empírica não seja deformada ou, o que é pior, obscurecida de forma a ocultar o que por “natureza” já é oculto.

Como última observação, convém reiterar que a pretensão do artigo não foi esgotar a temática, mas demonstrar a urgência em se

sistematizar uma agenda de pesquisa reservada ao mapeamento e entendimento dos cenários e das perspectivas da gênese e ao desenvolvimento do campo da sociologia do esporte, a qual, inclusive, não pôde ser amplamente formulada em todos os seus desdobramentos em todas as suas perspectivas, quanto mais aprofundada. Dessa forma, o desafio fica proposto e será retomado, com um maior grau de acuidade empírico-teórica, em oportunidades futuras.

For origin of the field of the sociology of the sport: sceneries and you put In perspective

Abstract: In the present article we seek to present and structure a brief historical and sociological overview regarding the constitution of the sport sociology field in the international scenario. We attempt to elaborate inferences and transpositions to discuss the Brazilian scenario and, maybe, the latin-american scenario. In this research, we begin with a bibliographical approach, with an exploratory imprint, to highlight some historical elements of the sport sociology development and elaborate a general panorama that contemplates some of the main theoretical basis and authors that dealt with the study of the modern sport and, consequently, contribute to the institutionalization of this locus of academic debate.

Keywords: Sociology. Sport. Pierre Bourdieu.

Por uma Génesis de lo Campo de la Sociología del Deporte: Escenários y Perspectivas

Resumen: Lo presente artículo tiene por objeto proporcionar una estructura y un breve resumen del estudio histórico y sociológico sobre el establecimiento de la sociología del deporte en la escena internacional, lo que hace a continuación algunas conclusiones y transposiciones a pensar el escenario brasileño y, quizás, latinoamericano. Para este ataque, parte se de un enfoque bibliográfico exploratorio con el fin de rescatar algunos elementos históricos del desarrollo de la sociología del deporte y desarrollar una visión general que incluye algunas de las principales teorías y sus autores que permanecían en el estudio del fenómeno social llamado deporte moderno y, por consiguiente, contribuyó a la institucionalización de este espacio de discusión académica.

Palabras clave: Sociología. Deportes. Pierre Bourdieu.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. *In: ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 113-156.

BETTI, M. O papel da sociologia do esporte na retomada da Educação Física. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 20, n. 5, p.191-93, set. 2006.

BOURDIEU, P. Sport and social class. **Social Science Information sur les Sciences Sociales**, Paris, v. 17, n. 6, p. 819-940, 1978.

_____. Introdução à sociologia reflexiva. *In: O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989. p. 18-56.

_____. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **A economia das trocas lingüísticas**. São Paulo: EDUSP, 1998.

_____. A causa da ciência: como a história das ciências sociais pode servir ao progresso das ciências. **Política e Sociedade**, Florianópolis, n. 1, p. 143-161, set. 2002.

_____. O campo científico. *In: ORTIZ, R, (org.). A sociologia de Pierre Bourdieu*. São Paulo: Olho d'Água, p. 112-14, 2003.

_____. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004.

BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

_____. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. 3. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.

BROHM, J-M. **Sport: a prison of measured time**, London, Ink Links, 1978.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas: Papirus, 1988.

COAKLEY, J. **Sport in society: issues and controversies**. New York: McGraw-Hill, 2009.

COAKLEY, J; DUNNING, E. **Handbook of sport and society**. London: Sage, 2000.

_____. **Handbook of sports studies**. London: Sage, 2002.

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. Futebol: Ópio do Povo *versus* Drama de Justiça Social, **Novos Estudos**, São Paulo, v.1, n. 4, p. 54-60, 1982a.

DAMATTA. **O universo do futebol**. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982b.

DAOLIO, J. **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005.

DUNNING, E. **Early stages in the development of Football as an organized game**. Dissertação (Mestrado). University of Leicester, Leicester, 1961.

_____. Prefácio. *In: A busca da excitação*. Lisboa: Difel, p. 11-37, 1992.

_____. A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e significados sociais do desporto. *In: A busca da excitação*. Lisboa: Difel, p. 299-325, 1992.

_____. **Sport matters: sociological studies of sport, violence and civilization.** London: Routledge, 1999.

_____. Sociology of sport in the balance: critical reflections on some recent and more enduring trends, **Sport in Society**, Lancashire, v. 7, n. 1, p. 1-24, 2004.

_____. Esporte, violência e civilização: uma entrevista com Eric Dunning. *In*: GASTALDO, E. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v.14, n. 30, jul./dez, p. 223-231, jul./dez. 2008.

FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro.** Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

GEBARA, A. **Conversas sobre Norbert Elias:** depoimentos para história do pensamento sociológico. 2. ed. Piracicaba/SP: Biscalchin Editor, 2006.

GIDDENS, A. **Sport and society in contemporary England.** Dissertação (Mestrado). London: School of Economics, 1961.

GUTTMANN, A. **From ritual to record:** the nature of modern sports. New York: Columbia University, 1978.

HELAL, R. **Passe e impasses:** futebol e cultura de massa no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1997.

HELAL, R; SOARES, A. J; LOVISOLO, H. **A invenção do país do futebol.** Rio de Janeiro: Maud, 2001.

HUIZINGA, J. **Homo ludens.** 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.

KOWALSKI, M. **Por que Flamengo?** Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2001.

LÜSHEN, G; SAGE, G. H. (eds). **Handbook of the social science of sport.** Champaign. Stipe, 1981.

MARCHI JÚNIOR, W. **“Sacando” o Voleibol:** do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970-2000). Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade de Campinas, Campinas, 2001.

MARCHI JÚNIOR, W. Como é possível ser esportivo e sociológico? *In*: GEBARA, A.; PILATTI, L. A. (org). **Ensaio sobre história e sociologia nos esportes.** Jundiaí: Fontoura, 2006. p. 159-195.

MARCHI JÚNIOR, W; CAVICHIOLLI, F. R. Diagnóstico da sociologia do esporte no Brasil: para a consolidação de um campo do conhecimento. *In*: CORNEJO, M.; MARCHI JÚNIOR, W. (org.). **Estudios y proyectos en sociología del deporte en América Latina.** Chile: ALESDE, p. 102-112, 2008.

MARCHI JÚNIOR, W; NUNES, R. J. S; ALMEIDA, B. S. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO LATINOAMERICANA DE ESTUDIOS SOCIOCULTURALES DEL DEPORTE, ESPORTE NA AMÉRICA LATINA, 1, 2008. *In*: **Anais:** atualidades e perspectivas. Curitiba, UFPR, 2008.

MAUSS, M. As técnicas do corpo. *In*: Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac Naify, p. 399-422, 2003.

MEDINA, J. P. **A educação física cuida do corpo... e mente**. Campinas, SP: Papyrus, 1983.

MURAD, M. **A violência e o futebol**: dos estudos clássicos aos dias de hoje. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

PILZ, G. A. Sociologia do esporte na Alemanha. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 3-15, 1999.

PRONI, M. W. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade de Campinas, Campinas, 1998.

REIS, H. H. B. **Futebol e violência**. Campinas: Armazém do Ipê, 2006.

REIS, H. H. B; ESCHER, T. A. **Futebol e sociedade**. Brasília: Líber Livro, 2006.

RODRIGUES, F. X. F. **A formação do jogador de futebol no Sport Clube Internacional (1997-2002)**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

_____. **O fim do passe e a modernização conservadora no futebol brasileiro (2001-2006)**. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre 2007.

SOARES, A. J. **Malandragem, futebol e identidade**. Vitória: UFES-SPDC, 1994.

SOARES, A. J. **Futebol, raça e nacionalidade no Brasil**. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1998.

SOARES, A. J. Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre. *In*: ALABARCES, P. (Org.). *Futbologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina*, Buenos Aires, v. 1, p. 145-162, 2003.

TAFFAREL, C. N. Z. **Criatividade nas aulas de educação física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.

TOLEDO, L. H. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec, FAPESP, 2002.

VEBLEN, T. B. **A teoria da classe ociosa**: um estudo econômico das instituições. São Paulo: Pioneira, 1965.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

Recebido em: 30.10.2009

Aprovado em: 08.01. 2010